

## A CONSTRUÇÃO DO PASSADO

*“O grande rio alentejano, o mar dos pobres, refrigério do pastor, riqueza em peixes no caneiro do moinho, já não cumpre como dantes. (...) Foste desde muito cedo testemunha da história dos povos que viram nos cursos de água enormes benefícios. Na alvorada dos tempos viveram nos terraços das tuas arribas povos muito antigos, pescando com os primeiros artefactos o peixe das tuas correntes e colhendo a amêijoia de concha áspera que abundantemente produzias.”*<sup>32</sup> (João Mário Caldeira)

Perante o Rio Guadiana, um rio com história hoje transformado numa grande albufeira, é possível identificar-se e registar-se um vasto e variado património cultural: centenas de locais com vestígios arqueológicos, dezenas de moinhos, açudes, levadas, pesqueiros, vaus ou portos, montes, construções em taipa, celeiros, cisternas, poços, tanques de rega, fontes, fornos, lagares, capelas, pisões, para além do património imaterial vivido, sensações e vivências que não se repetem e dificilmente se preservam. Estamos de facto perante saberes, tradições, estruturas rurais, objectos de memória que não devem ser perdidos.

Assim, na década de 1980, surge a ideia da construção de um museu que abriu ao público no ano de 2003, na *nova* da Aldeia da Luz, construída com a estrutura funcional da original, numa lógica de reposição de “casa por casa, terra por terra”.

O projecto, da autoria dos arquitectos Pedro Pacheco e Marie Clément, é constituído por três elementos: a igreja, o museu e o cemitério. Estes localizam-se mais a Oeste do núcleo urbano, permitindo estabelecer a ideia de percurso e criando um primeiro momento de contenção entre as três componentes, definindo um espaço público de recepção. As suas posições geográficas permitem também estabelecer uma relação próxima com a aldeia e com a nova realidade da Água que surge pontualmente.

Segundo uma entrevista realizada ao arquitecto, *“este projecto envolveu logo à partida uma transformação e uma perda de lugar, uma substituição, onde as pessoas tiveram de descobrir a sua relação com um novo lugar”* e ao mesmo tempo, *“uma complexidade de temas, tecnologias e sensibilidades, que de alguma forma falam de arquitectura e de tudo o que esta envolve”*<sup>33</sup> (Pedro Pacheco).

O autor destaca também como *“elementos identitários, as chaminés de luz, a sala da luz e os muros. Os elementos de luz como uma manifestação de elementos que nós vemos em todo o Alentejo, componentes enigmáticos que constroem este território e os*

*muros como uma inscrição e um desenho de limite.”*<sup>34</sup> (Pedro Pacheco)

A nível da materialidade é constituído pelos recursos locais, nomeadamente o xisto, o que reforça a sua ligação com o lugar.

Designado por Museu da Luz, este apresenta-se como um espaço interpretativo das profundas alterações ocorridas neste território e é encarado pela possibilidade de documentar o processo social e cultural conturbado pela mudança e pela reconfiguração da paisagem, a partir do passado comum, reactivando memórias e evidenciando identidades.



Fig.52 Rampa de acesso ao pátio das amendoeiras e zona de entrada para o Museu

<sup>32</sup> CENT. ARQ. ALMADA - Especial Arqueologia do Alqueva: A pesca de Naufrágios . Almada . II Série nº 11 . Dezembro 2002 . pág 219

<sup>33</sup> Entrevista realizada ao Arquitecto Pedro Pacheco . 29 de Julho de 2014

<sup>34</sup> Entrevista realizada ao Arquitecto Pedro Pacheco . 29 de Julho de 2014